



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
UEADSL2023.1 - LIBERDADE E PRECONCEITO

E DAÍ? EU TAMBÉM

Rogério Costa Migliorini¹

¹UFMG/Grupo Texto Livre, awhi63@gmail.com

Resumo: Não foi fácil aceitar o convite para falar aqui sobre preconceito e capacitismo ou descapacitismo, porque eu não gosto dessas palavras e, muito menos, da discussão em torno delas. Depois, eu mesmo não sei se sou uma PCD com uma deficiência leve ou uma pessoa sem deficiência com uma lesão grave. Então, eu tomei essa como uma oportunidade para me colocar e resolvi falar a partir da minha experiência de um bailarino que há trinta anos convive com a seqüela permanente de uma cirurgia neurológica.

Palavras-chave: Capacitismo, descapacitismo, preconceito, liberdade, PCD, dança.

Glossário:

- **PCD:** pessoa om deficiência;
- **PC:** paralisia cerebral;
- **GRD:** ginástica rítmica desportiva;
- **DF:** deficiência física;
- **MMSS:** membros superiores;
- **MMII:** membros inferiores.

1. A moça e o cego na multidão

Quando eu penso em preconceito, a primeira coisa que me vem, é a história de uma moça que estava andando em uma rua muitíssimo movimentada do centro de São Paulo. Um senhor cego se abaixou na frente dela pra tatear algo e ela, que não podia ver o senhor abaixado por causa da multidão, tropeçou nele. Na queda, ela quebrou o fêmur, precisou ser socorrida, levada para o hospital e operada. Porém, ela quase foi linchada, porque havia tropeçado no “coitado do ceguinho”.

Em minha opinião, esse senhor cometeu uma violência tremenda quando se abaixou no meio de uma rua abarrotada de gente. No mínimo, ele não teve nenhum cuidado e foi altamente egoísta porque só pensou em si. Eu até diria que ele foi o vilão da história e ela, a mocinha. Além disso, na atitude da multidão também se percebe o preconceito das pessoas quando elas tomam as dores da PCD a priori. Por que uma pessoa com alguma deficiência é necessariamente frágil? Por que ela

Grupo de Pesquisa Texto Livre	Belo Horizonte	v.1	n.15	2023.1	e-ISSN: 2317-0220
-------------------------------	----------------	-----	------	--------	-------------------

Realização:

Apoio:

Produção:





UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
UEADSL2023.1 - LIBERDADE E PRECONCEITO

é sempre vítima e nunca algoz? Tratar uma PCD como divina ou diabólica evidencia o preconceito. Mas como fica a deficiência quando não é o foco principal da situação e, sim, a habilidade física e corpos específicos como nos esportes e na dança?

2. O bailarino e a deficiência

Falo disso porque eu era bailarino e professor de dança até que, há 30 anos, eu fiz uma cirurgia neurológica e fiquei com meio corpo¹ semiparalizado para o resto da vida. Fiquei aturdido, desorientado, assustado, e outras tantas coisas e comecei a tentar entender meu novo corpo e minha nova situação. Procurei PCDs como colegas de vida e de trabalho. Também tentei me envolver no trabalho terapêutico com deficiência. Entretanto, eu não tive uma boa acolhida nem pelas pessoas sem deficiência, de quem eu podia até esperar algum tipo de preconceito, nem pelas PCDs.

Explico: os profissionais da saúde que, em geral, eram pessoas sem deficiência, me viam só como paciente, isto é, como alguém que não entendia nada de corpo ou de movimento, apesar da minha formação e atuações profissionais. Já as PCDs não me viam como seu igual ou como alguém capaz de falar desse lugar. Acredito que isso se deva ao fato de que a minha sequela é muito leve se comparada a quadros bem mais graves de deficiências físicas e neurológicas.

Daí, eu conclui, que eu sou alguém que ficou no limbo, numa zona liminar² ou no meio do caminho e que, por isso, sofre preconceito dos dois lados! Ironicamente, até a minha patologia, uma hemiparesia³, sugere essa zona intermediária, pois tenho uma meia paralisia em uma das metades do corpo. Em outras palavras, tenho uma meia deficiência que de tão meia, é desprezível; só que não é⁴.

¹ A hemiparesia ou hemiplegia divide o corpo longitudinalmente em hemicorpo direito e esquerdo. Acomete, portanto, os mmss e mmii daquele hemicorpo. Já a paraplegia divide o corpo transversalmente em metades inferior e superior e acomete a inferior.

² O conceito de liminaridade foi desenvolvido pela primeira vez no início do século XX por Arnold Van Gennep e mais tarde retomado por Victor Turner.

³ Hemi refere-se à metade, paresia refere-se a uma paralisia parcial e plegia a uma total.

Grupo de Pesquisa Texto Livre	Belo Horizonte	v.1	n.15	2023.1	e-ISSN: 2317-0220
-------------------------------	----------------	-----	------	--------	-------------------

Realização:

Apoio:

Produção:





Em suma, a minha leitura sobre o discurso em torno do preconceito sugere que, por trás dele, existe um forte jogo de poder e também uma acirrada reserva de mercado. Não se trata apenas de fazer o bem sem olhar a quem. Ganha o jogo quem tiver mais comprometimento físico ou formação específica. Pessoas como eu, por exemplo, são as marginalizadas dentre as marginais. Por isso, eu não acredito em atitudes aparentemente altruístas e politicamente engajadas⁵.

3. Deficiência e habilidade

Como eu estava dizendo, e quando o foco principal do preconceito não está na deficiência, mas gira em torno da habilidade física como acontece nos esportes e na dança? Um exemplo cabal é a extrema valorização das acrobacias, saltos, pegadas e levantadas nos espetáculos de dança de todos os tipos. Para saber do que eu estou falando, basta ver a reação do público na “Dança dos Famosos” (Rede Globo, 2005). O público aplaude e ovaciona toda vez que alguém faz um desses movimentos extremos; raramente valoriza o feito estético e artístico em si e muitas vezes nem o percebe. Mesmo no balé, uma dança artística, o que importa para o público é a capacidade aparentemente extra-humana de quem dança. No break nem se fala. É por isso que ele, originalmente uma dança e manifestação cultural e artística de protesto, virou um esporte olímpico. E é também por esse motivo que a ginástica olímpica, a patinação artística, o nado sincronizado, a GRD etc, ao contrário do que pensa a enorme maioria, de artístico têm muito pouco.

Nesse sentido, eu me lembro de uma dança entre um bailarino cadeirante e uma

⁴ Este texto foi originalmente escrito para orientar uma fala. Daí o uso de algumas expressões coloquiais impróprias para uma publicação acadêmica. Posteriormente, o texto sofreu adaptações para ser publicado. Mesmo assim, acho por bem manter algumas expressões do texto original.

⁵ Acredito que exista uma desqualificação coletiva da hemiparesia e que ela seja uma das características específicas deste tipo de DF. Isso talvez se dê porque ela não costuma ser grave e incapacitante, tanto que muitas pessoas que a tem nem usam órteses. Contudo, acomete pessoas de todas as idades e que não nasceram com nenhuma deficiência. Assim, impacta o dia-a-dia dessas pessoas de formas, muitas vezes, sequer imaginadas por elas mesmas. Além disso, a deficiência também contém um fator psicológico como o luto envolvido pela perda de um corpo conhecido e suas habilidades. Trocando em miúdos, administrar esse perene estado em uma zona intermediária não é fácil. **Obs.** Li em algum lugar, que pessoas com PC severa têm duas hemiparesias, sendo que cada uma afeta um hemicorpo. A diferença é que, nesses casos, a lesão neurológica acontece em uma fase muito precoce do desenvolvimento e os impactos, mesmo que tão fortes quanto os primeiros, diferem desses.

bailarina sem deficiência. No seu trecho mais bonito e sensível, ela o segura com muita delicadeza e sensibilidade, e ambos fazem movimentos simples, pequenos e altamente expressivos⁶. A magia acabava quando ele voltava a tentar fazer passos de grande efeito visual, que, quase sempre, eram apenas um arremedo desajeitado dos passos de outras pessoas. Mas dançar assim é o que o público espera de um bailarino, com ou sem deficiência, não é?

Outro exemplo é a reação da maioria diante de uma pessoa que, por exemplo, não tem os braços e passa batom, atira flechas, coloca a linha na agulha ou pinta um quadro com os pés. Refiro-me a um vídeo que eu vi no Facebook sobre a rotina diária de uma moça que não tinha as mãos, a um arqueiro americano que coloca a flecha com os pés no arco e a atira também com eles, a um alfaiate indiano que passa uma linha na agulha segurando ambas com os pés. Por fim, no Brasil, refiro-me aos pintores com o pé e com a boca.

As pessoas choram quando os veem. Em vez de valorizar os seus feitos, o que enxergam é só a sua “condição” que, diga-se de passagem, acreditam ser sempre infeliz. As pessoas choram porque se esquecem que o que as pessoas sem mãos fazem não é decorrência de uma habilidade especial ou de um esforço sobre-humano. Reflete, sim, a capacidade adaptativa de corpos bem humanos e idênticos ao meu ou ao seu. Em última instância, essas ações falam do ser humano e do seu corpo. Portanto, o choro nesse contexto não faz sentido. O que faria sentido é a celebração do corpo humano, o reconhecimento de que ele é, sim, maravilhoso.

4. Sucesso via deficiência

Todavia, algumas PCDs se aproveitam desse sentimento de “coitadinho” para justificar seu próprio sucesso, mesmo quando elas alcançam, efetivamente, apenas um desempenho medíocre. Voltando ao jogo de poder, essas pessoas se

⁶ No balé clássico, o papel do bailarino era o de simplesmente levantar e suportar a bailarina no ar. Ela, sim, dançava e era o real elemento de expressão artística na coreografia. Isso mudou no balé moderno e ganhou força na dança contemporânea. No caso descrito, a bailarina sem deficiência dança juntamente com o bailarino com deficiência. Ambos estão no mesmo nível em termos artísticos e expressivos. Os dois são essenciais à coreografia e nela são ‘partners’.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
UEADSL2023.1 - LIBERDADE E PRECONCEITO

fundamentam em um currículo em que apenas a deficiência conta. Quanto mais severa ela for, melhor para o currículo da pessoa.

Nesse sentido, eu conheci várias PCDs que arvoravam grande sucesso em todas as coisas que faziam. Eram praticamente Leonardos da Vinci, verdadeiros gênios da nossa época! Uma dessas pessoas era um rapaz com PC severa que pintava círculos perfeitos, o que era assombroso. Entretanto, eu soube mais tarde, que sua mãe cortava moldes vazados em cartolinas, prendia-os sobre as telas e ele simplesmente passava o pincel em cima, de modo que o que ficava nas telas eram os desenhos recortados nos moldes pela mãe do “artista”. Daí, os círculos perfeitos, a habilidade inacreditável e a dita “arte” do rapaz.

Cabe uma observação aqui: fazer arte com moldes vazados ou estênceis pode ser uma forma muito sofisticada de o artista trabalhar, mas nesse caso relatado, tratava-se apenas de simular uma habilidade impossível a ele. A meu ver, o rapaz só fazia “arte” pra quem achava que ele era um coitadinho. E o que é pior, ele mesmo acreditava que o viam, não como artista e ponto, mas como um super artista, um super isso e um super aquilo. E cabe outra observação aqui: conheço artistas com PC que não recorrem a esse tipo de truque e, mesmo que recorressem, teriam como foco o fazer artístico e não a deficiência. Por isso, são, realmente, grandes artistas.

Mas, voltando ao nosso tema, tanto as pessoas com deficiências físicas ficam nos extremos de uma curva em U como as celebridades olímpicas ou os semideuses do esporte. A maioria absoluta das pessoas fica no meio da curva. Contudo, os homens e as mulheres com corpos e habilidades que causam inveja em qualquer um também são humanos. Portanto, tanto os seus quanto os corpos, as habilidades e as restrições físicas das PCD falam, ao mesmo tempo, da totalidade dos corpos humanos, ou seja, do meu e do seu corpo.

5. A dança do bailarino cadeirante

Ao refletir sobre a dança do bailarino cadeirante, citada no tópico 3, pensei: o



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
UEADSL2023.1 - LIBERDADE E PRECONCEITO

momento em que ela ganhou em expressividade foi quando ele se sentiu mais confortável, seguro e acolhido. E esse foi o papel desempenhado pela sua parceira de palco. Juntamente com ele, a bailarina criou um ambiente favorável no qual ele pudesse colocar o próprio corpo em cena e parar de imitar um corpo alheio. Então, ele realmente dançou e, naquele instante, foi livre!

Outro grande instante de liberdade, esse um que eu mesmo vivi, foi quando eu fazia jiu-jitsu. Certa vez eu e meus amigos estávamos em pé sobre o tatame numa roda de conversa. De repente, eu simplesmente desabei e me estatelei no tatame sem nenhum motivo aparente. Em um primeiro momento, eles me olharam assustados e sem saber o que fazer; depois riram. Não riram de mim, mas comigo, porque, vamos combinar, a cena foi cômica. E o riso deles fez eu me sentir super acolhido pelo grupo. Livre, mesmo! Inclusive, para cair.

Aí, talvez, existam duas lições para todos nós. A primeira é a de que ser livre significa olhar para si de verdade; assumir o que se é e jamais tentar ser como o outro. Enfim, nunca se ver como inferior ou superior a ninguém e nunca se comparar a outro alguém. A segunda é que liberdade é uma via de mão dupla. Portanto, não se contente em apenas cobrar liberdade das outras pessoas, antes, dê-lhes liberdade. Portanto, a liberdade é uma relação horizontal. De igual pra igual.

Referências

Liminaridade Disponível em: [https:// https://pt.wikipedia.org/wiki/Liminaridade](https://pt.wikipedia.org/wiki/Liminaridade). Acesso: 08 jul. 2023.

MIGLIORINI, Rogério Costa. *Corpos mortos e vivos: as cerimônias mortuárias e as representações da morte entre católicos brasileiros*. São Bernardo do Campo: UESP: 2009.

Rede Globo – Dança dos famosos. Show de talentos brasileiro produzido e exibido pela TV Globo desde 20/11/2005 (versão brasileira do britânico Strictly Come Dancing), no qual celebridades selecionadas competem interpretando danças de salão. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Dança_dos_Famosos. Acesso em 07 jul. 2023.

TURNER, Victor W. *O processo ritual: estrutura e antiestrutura*. Petrópolis: Vozes. 1974.



Este é um artigo de acesso aberto distribuído sob os termos da Licença Creative Commons Atribuição Não Comercial-Compartilha Igual (CC BY-NC- 4.0), que permite uso, distribuição e reprodução para fins não comerciais, com a citação dos autores e da fonte original e sob a mesma licença.